

Entrevista com José Luís Neto, arqueólogo

Arqueologia dos Açores recebeu “o mais exclusivo galardão mundial”

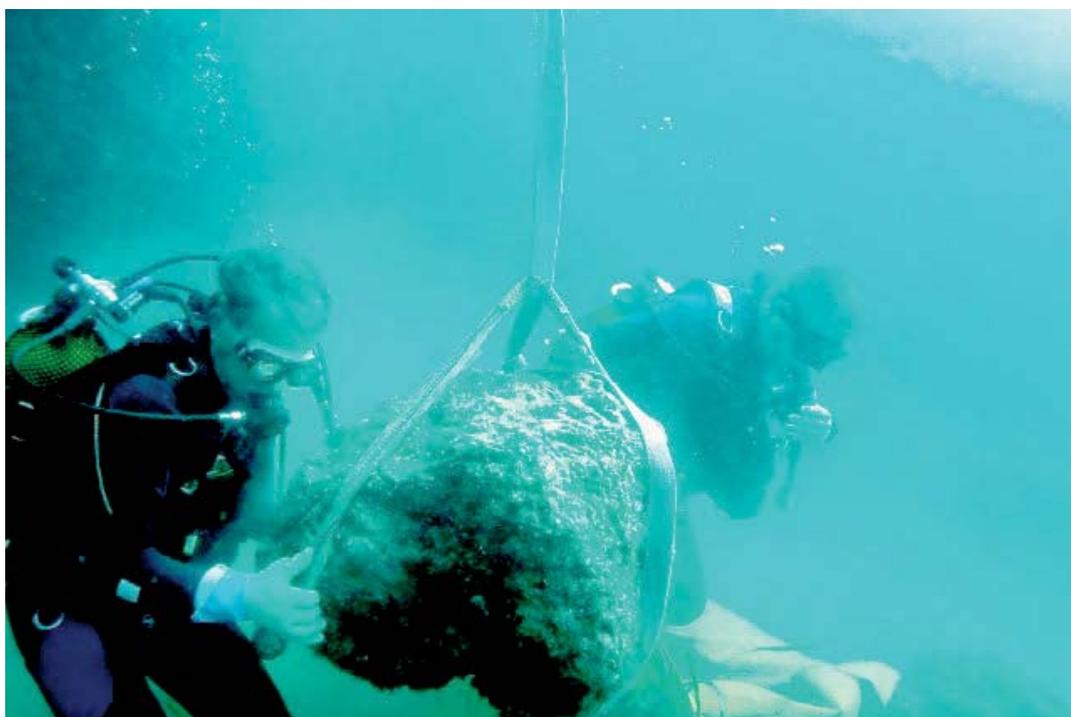
A mais recente distinção atribuída ao património cultural subaquático dos Açores tem não só em conta a sua beleza, como o seu significado na construção da história europeia, explica o arqueólogo José Luís Neto.

A Comissão Europeia concedeu o título de património europeu ao património cultural subaquático dos Açores. Que importância tem este reconhecimento?

A Marca do Património Europeu (MPE) é, na minha perspectiva, o mais exclusivo galardão mundial que existe para o património cultural. Poucos são os que se podem orgulhar de a deter. A União Europeia não premia lugares bonitos, ou bem conservados e geridos, ou com significado nacional. Têm de ser lugares que, para além de tudo isso, tenham também um profundo significado para a construção da história europeia, nos quais a Europa se possa reconhecer a si mesma, que os tome como parte da sua própria identidade, de Angra do Heroísmo a Helsínquia. Após a elaboração da candidatura, tivemos uma pré-selecção nacional, na qual se viveu o processo de escolha, com imensa paixão e convicção. Para os Açores serem seleccionados, houve um volte-face face à candidatura do Bussaco, bem estruturada, mas que foi a principal sacrificada. Depois, na Europa, a candidatura nacional vencedora, das Linhas de Torres, bem como a transnacional de Cristóvão Colombo, foram também vitimadas, para que os Açores pudessem vingar a nível europeu, pois somente uma de cada país pode ter essa honra. Embora seja, em primeira linha, um prémio dos açorianos é, em igual proporção, de todo o país. E nestes tempos sombrios que vivemos, é preciso partilhar este prémio com todos os nossos, pois comporta uma promessa de esperança, de horizonte. Relembra que há um amanhã depois das trevas.

Que impacto pode ter este título na visibilidade do património cultural subaquático dos Açores em termos turísticos?

É evidente o impacto que a Marca do Património Europeu terá para o aumento da atractividade dos Açores como destino de turismo de mergulho. Já o ano passado, com a obtenção do prémio da UNESCO para este mesmo património, o efeito foi evidente junto dos turistas. Vimo-lo directamente, quando acompanhámos o Turismo dos Açores a feiras da especialidade, pois quer a UNESCO, quer a União Europeia, trazem enorme credibilidade, certificam qualidade. Na Bienal do Turismo Cultural, em Loulé, foi igualmente visível. Os estudos realizados demonstram que existem mais de 30 milhões de mergulhadores em todo o mundo. Cerca de três milhões fazem uma ou mais viagens vocacionadas para a fruição dessa actividade, anualmente. O número dos que, a cada ano, se iniciam na actividade ronda um milhão de pessoas. Amigo do ambiente, autossustentável, com vocação educativa, ambiental e cultural, é já, e será cada vez mais, essencial para a viabilidade económica das empresas de mergulho existentes nos Açores, possibilitando-lhes dignidade económica e consideração junto dos diversos interlocutores, pela importante função social que desempenham, enquanto porta-vozes dos Açores aos que nos visitam e aos que cá vivem, pois neles está a acessibilidade a esse património. São as empresas, em primeiro lugar, que ostentam as duas marcas obtidas, da UNESCO e da União Europeia. Temos de ter consciência que são milhares de euros que entram anualmente no conjunto das empresas, mas são milhões que entram para



a economia dos Açores, entre transportes, estadias, alimentações, recordações, etc.

Que características do património subaquático dos Açores captaram a atenção da Comissão Europeia?

O impressionante potencial para a arqueologia subaquática nos mares dos Açores é por todos reconhecido. Investigadores, decisores políticos, utilizadores do mar, sabem-no desde há duas décadas. O que fizemos foi explicar à União Europeia porque o consideramos tão importante para nós, fazendo-lhes perspectivar o mundo a partir do ponto de vista dos açorianos e não de Bruxelas. O repto foi aceite.

Mas estou em crer, que tal como com a UNESCO, o que os impressionou foi a estratégia, a gestão partilhada da governança e as acções efectuadas. Um território com esta escala pôde experimentar algo de novo, com custos controlados, para o bem da comunidade. Converteram-se os investigadores em operários do património. Depois, foi decisivo haver a coragem e o apoio dos decisores políticos, pois que sem eles, nada se fará. Houve que trabalhar em conjunto com as pessoas que lidam com o património todos os dias. O que se obteve foi um modelo original, mas eficaz, eficiente e funcional, em que todos têm deveres e direitos, todos sabem o que de si se espera e todos cooperam em prol de um objectivo comum. Autoridades marítimas, diversos órgãos da administração pública regional, académicos, profissionais do turismo, empresários de mergulho, fotógrafos, cineastas e artistas, todos no mesmo barco, todos sabedores do seu papel e responsabilidades, porque este património cultural a todos pertence. O modelo açoriano, entretanto, enraizou-se por toda a Macaronésia.

O que lhe digo é válido para o património cultu-

ral subaquático, mas também, ainda que com menor visibilidade ainda, é-o para o património arqueológico no seu todo. Esse exemplo, em boa verdade, é aplicável também à globalidade das políticas do património cultural, pois estou convicto que se desburocratizadas e em diálogo e gestão partilhada com os interessados, teriam muito a ganhar com isso, aliás, ganharíamos todos, pois que o património cultural somente fará pleno sentido, se envolver os cidadãos.

O arquipélago conta com uma rede de 30 zonas de mergulho com destroços datados entre os séculos XV e XX. Qual é o estado de conservação deste património e de que forma tem sido preservado?

O estado de conservação dos bens varia muito de caso para caso, pois que os afundamentos colocados à fruição pública, de Santa Maria às Flores, estão localizados a profundidades e sítios de costa com características muitíssimo diferentes entre si. Toda a informação facultada é transparente, não criando expectativas que não têm razão de ser. Constituem um desafio muitíssimo interessante, razão pela qual os operadores de mergulho já dispõem de uma caderneta para ofertar, para que possam ir recolhendo carimbos até completar o Roteiro. Para aqueles que não mergulham, há diversos sítios a muito pouca profundidade, que podem apreciar em apneia ou, para quem não nada, podem ser usufruídos através dos barcos com fundo de vidro, que têm oferta para alguns destes sítios.

A.E./D.I.